

SARA GRUEN

ÁGUA
para
ELEFANTES



SEXTANTE
FICÇÃO

prólogo

*Queria dizer o que disse, e disse o que eu queria dizer...
O elefante é cem por cento fiel!*

Theodor Seuss Geisel, *Tonho choca o ovo*, 1940

*R*estaram apenas três pessoas sob o toldo vermelho e branco da espelunca: Grady, eu e o cozinheiro. Grady e eu nos sentamos a uma mesa de madeira muito antiga e gasta, cada um diante de um hambúrguer num prato de lata amassado. O cozinheiro estava atrás do balcão, raspando a grelha com uma espátula. Ele já tinha desligado a fritadeira havia algum tempo, mas o cheiro de gordura impregnava o ar.

O resto do pátio – que pouco tempo antes transbordava de gente – estaria vazio não fosse por um punhado de empregados e um pequeno grupo de homens aguardando para ir à tenda da dança do ventre. Eles lançavam olhares nervosos de um lado para outro, usavam chapéus enterrados na cabeça e tinham as mãos enfiadas nos bolsos. Não ficariam desapontados: em algum lugar lá no fundo da tenda Bárbara e seus encantos abundantes os esperavam.

Os moradores da cidade – os caipiras, como Tio Al os chamava – já tinham atravessado a tenda das jaulas e chegado à grande tenda, que pulsava ao som de uma música frenética. O volume com que a banda executava seu repertório era ensurdecedor, como de costume. Eu sabia o programa de cor – nesse exato momento, a última parte do Grande Desfile saía, e Lottie, a trapezista, começava a subir no seu trapézio, no picadeiro central.

Olhei fixamente para Grady, tentando entender o que ele estava falando. Ele deu uma olhada ao redor e então se aproximou.

– Além disso – disse Grady, me olhando nos olhos –, acho que você tem muito a perder neste momento. – E, para dar mais ênfase ao que dizia, levantou as sobrancelhas. Meu coração disparou.

Ouviu-se uma explosão de aplausos estrondosos na grande tenda e a banda emendou a valsa de Gounod. Voltei-me instintivamente para a tenda das jaulas porque essa era a deixa para o número do elefante. A essa altura, Marlena ou estaria se preparando para montar ou já estaria sentada na cabeça de Rosie.

– Tenho que ir – falei.

– Sente aí – retrucou Grady. – Coma. Se você está pensando em ir embora, pode ser que demore até encontrar o que comer.

Nesse momento, a música guinchou e parou. Ouviu-se uma terrível colisão de metais, sopros e percussão – os trombones e flautins produziram uma cacofonia, uma tuba emitiu um ruído grosseiro e o som oco de um címbalo tremulou na grande tenda, oscilou sobre nossas cabeças e se desfez no espaço.

Grady ficou paralisado e encolhido diante do seu hambúrguer, com os dedos mindinhos esticados e os lábios muito abertos.

Olhei de um lado para o outro. Ninguém mexia um músculo sequer – todos os olhos se dirigiam à grande tenda. Alguns fiapos de feno rodopiavam preguiçosamente pelo chão.

– O que foi isso? O que está acontecendo? – perguntei.

– Psiu! – silvou Grady.

A banda atacou de novo, dessa vez com “Stars and Stripes Forever”.

– Meu Deus! Ah, que merda! – Grady jogou a comida na mesa e se levantou de um salto, derrubando o banco.

– O que foi? – berrei, pois ele já corria para longe de mim.

– A Marcha Fatídica! – gritou ele, virando a cabeça para trás.

Olhei nervoso para o cozinheiro, que estava se livrando do avental.

– De que diabos ele está falando?

– Da Marcha Fatídica – disse ele, lutando para tirar o avental pela cabeça.

– É sinal de que está acontecendo algo errado. Muito errado.

– Como o quê?

– Fogo na grande tenda, estouro de animais, qualquer coisa assim. Ai, meu bom Jesus! Os pobres caipiras provavelmente ainda não sabem de nada. – Ele se abaixou para passar pela porta de vaivém e se mandou.

Caos – os baleiros saltavam por cima dos balcões, operários saíam cambaleantes de debaixo das abas da tenda e outros empregados do circo atravessavam precipitadamente a área. Todos os que estavam ligados ao Circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra dispararam em direção à grande tenda.

Diamond Joe passou por mim em disparada, o equivalente humano de um galope.

– Jacob, são as jaulas – gritou ele. – Os animais se soltaram. Corra, *corra!*

Ele não precisava repetir. Marlena estava naquela tenda.

Ao me aproximar, ouvi um grande estrondo e fiquei apavorado. Não se podia chamar aquilo de barulho. O chão estava vibrando.

Entrei cambaleante e me deparei com um iaque – um animal enorme, de

pelos enrolados, cascos agitados, ventas vermelhas furiosas e olhos que giravam. Ele passou galopando tão perto de mim que dei um salto para trás, rente à lona, para não ser atingido por um de seus chifres curvos. Uma hiena apavorada se agarrava ao dorso do iaque.

A grande barraca de balas que ficava no centro da tenda tinha sido arrasada e em seu lugar havia um aglomerado de manchas e listras que se agitava – ancas, patas, rabos e garras rugindo, berrando ou relinchando. Acima de tudo aquilo, um urso-polar batia às cegas as patas do tamanho de uma frigideira. Ele esbarrou em uma lhama e – pum! – a derrubou. A lhama se estatelou no chão, o pescoço e as pernas como as cinco pontas de uma estrela. Chimpanzés berravam, balançando-se nas cordas para se manter fora do alcance dos felinos. Uma zebra de olhos desvairados zigzagueou perto demais de um leão agachado, que deu o bote, errou e se afastou, quase rastejando pelo chão.

Meus olhos varreram a tenda desesperados, à procura de Marlena. Em vez dela, vi um felino entrando sorrateiramente na passagem que levava à grande tenda – era uma pantera, e quando seu corpo negro e ágil desapareceu no túnel de lona eu me preparei para o ataque. Se os caipiras ainda não sabiam, estavam prestes a descobrir. Demorou alguns segundos, mas então aconteceu – um grito seguido de outro, e depois outro, e então todo o circo explodiu num barulho estrondoso de corpos tentando abrir caminho entre outros corpos e sair da arquibancada. A banda guinchou e parou novamente, mas dessa vez permaneceu em silêncio. Fechei os olhos: *Deus, por favor, faça com que eles saiam pelos fundos. Não deixe que eles tentem passar por aqui.*

Tornei a abrir os olhos e esquadrinhei a tenda das jaulas, louco para encontrá-la. Pelo amor de Deus, será que é tão difícil encontrar uma garota e um elefante?

Quando vislumbrei as lantejoulas cor-de-rosa, quase chorei de alívio – pode ser que eu tenha chorado. Não lembro.

Ela estava de pé do outro lado, encostada na parede, calma como um dia de verão. As lantejoulas brilhavam como diamantes líquidos, um farol cintilante entre as peles coloridas dos animais. Ela também me viu e manteve meu olhar preso ao seu pelo que me pareceu uma eternidade. Ela estava tranquila, lânguida. Até sorria. Comecei a abrir caminho na direção dela, mas algo em sua expressão me paralisou.

Aquele filho da puta estava parado de costas para ela, com a cara vermelha, berrando, agitando os braços e balançando a bengala de ponteira de prata. A cartola de seda estava jogada no feno ao lado dele.

Ela procurava alguma coisa. Uma girafa passou entre nós – o pescoço com-

prido se balançando graciosamente, apesar do pânico. Quando a girafa saiu da frente, vi que ela pegara uma barra de ferro e a segurava sem firmeza, com uma ponta pousada no chão de terra batida. Ela me olhou de novo, estupefata. E então seu olhar se voltou para a cabeça dele.

– Ai, meu Deus! – murmurei, compreendendo de repente. Dei um passo cambaleante à frente e gritei, mesmo sem qualquer chance de ser ouvido. – Não faça isso! *Não faça isso!*

Ela levantou a barra bem alto e a baixou, rachando a cabeça dele como uma melancia. O crânio se abriu, os olhos se esbugalharam e a boca ficou paralisada num “O”. Ele caiu primeiro de joelhos e depois para a frente, no feno.

Eu estava atônito demais para me mexer, mesmo quando um jovem orango-tango passou seus braços elásticos em volta das minhas pernas.

Faz muito, muito tempo. Mas ainda me assombra.

NÃO FALO MUITO SOBRE ESSES DIAS. Nunca falei. Não sei por quê – trabalhei em circos por quase sete anos, e se isso não é assunto para conversas, não sei o que mais pode ser.

Na verdade, eu sei por que não falo sobre isso: nunca confiei em mim. Eu tinha medo de deixar escapar alguma coisa. Sabia como era importante guardar o segredo dela e de fato o guardei – pelo resto de sua vida e depois.

Em 70 anos, nunca o revelei a ninguém.

um

Tenho 90 anos. Ou 93. Uma coisa ou outra.

Quando temos cinco anos, sabemos até os meses de nossa idade. Mesmo por volta dos 20 sabemos quantos anos temos. Tenho 23, dizemos, ou talvez 27. Mas quando chegamos aos 30, algo estranho começa a acontecer. A princípio, é um mero sobressalto, um instante de hesitação. Quantos anos você tem? Ah, eu tenho – você começa confiante, mas depois para. Ia dizer 33, mas não é essa a sua idade. Você está com 35 anos. E isso o incomoda, pois você fica imaginando se não é o início do fim. Claro que é, mas ainda faltam décadas para você admitir isso.

Começamos a esquecer as palavras: elas estão na ponta da língua, mas, em vez de simplesmente saírem, permanecem ali. Subimos a escada para buscar alguma coisa e, quando chegamos lá em cima, não lembramos mais o que estávamos procurando. Chamamos um filho pelo nome de todos os outros e até pelo nome do cachorro antes de acertar. Às vezes esquecemos em que dia estamos. E, por fim, o ano.

Na verdade, não é que eu tenha esquecido. Simplesmente deixei de prestar atenção. Passamos o milênio, disso eu sei – tanto barulho por nada, todos aqueles jovens chiando de tanta preocupação e comprando comida enlatada porque alguém teve preguiça de deixar espaço para quatro dígitos em vez de dois –, mas isso pode ter sido no mês passado ou há três anos. O que importa? Que diferença há entre três semanas, três anos ou até mesmo três décadas de purê de ervilha, mingau e fraldas geriátricas?

Tenho 90 anos. Ou 93. Uma coisa ou outra.

OU HOUVE UM ACIDENTE ou estão fazendo obras na rua, porque tem um bando de velhinhas grudadas na janela, no fim do corredor, como se fossem crianças ou prisioneiras. Elas são frágeis e angulosas, e seu cabelo é fino como névoa. A maioria delas é uma década mais jovem que eu, o que me espanta. Mesmo quando nosso corpo nos trai, nossa cabeça o desmente.

Estou estacionado no corredor com meu andador. Graças a Deus já faz um bom tempo desde que fraturei a bacia. Por alguns momentos, tive a impressão de que eu nunca mais andaria novamente – aliás, foi por isso que me convenceram a vir para cá –, mas, de tantas em tantas horas, eu me levanto e dou alguns passos, e a cada dia vou um pouco mais longe antes de sentir necessidade de dar meia-volta. Talvez ainda haja alguma vida neste cachorro velho.

Agora, há cinco delas ali – velhotas de cabelos brancos, amontoadas, batendo no vidro com os dedos enrugados, apontando para fora. Espero um pouco para ver se elas se afastam. Mas não.

Olho para baixo, verifico se os freios estão acionados e então me levanto cuidadosamente, apoiando-me no braço da cadeira de rodas enquanto faço a perigosa transferência para o andador. Uma vez posicionado, prendo os protetores de borracha cinza nos braços e empurro o aparelho para a frente, até os cotovelos ficarem estendidos – o que representa a distância exata de um azulejo. Arrasto o meu pé esquerdo para a frente, certifico-me de que está firme e então puxo o outro até ele se alinhar ao primeiro. Empurro, arrasto, espero, arrasto. Empurro, arrasto, espero, arrasto.

O corredor é comprido e meus pés não respondem como antes. Não é o mesmo jeito de mancar do Camel, graças a Deus, mas ainda assim me deixa bastante lento. O pobre e velho Camel – faz anos que não penso nele. Os pés dele pendiam bambos das pernas e por isso ele tinha que levantar os joelhos bem alto e lançá-los para a frente. Eu tenho que arrastar os pés, como se eles pesassem, e por ter as costas curvadas acabo olhando para os chinelos, cercados pelo andador.

Demora um bocado para chegar ao fim do corredor, mas eu consigo – e com as minhas próprias pernas. Fico feliz da vida, embora, ao chegar lá, eu me dê conta de que ainda tenho que descobrir como voltar.

Elas abriram caminho para mim, as tais velhotas. Essas são as cheias de vitalidade, as que têm forças para se movimentar sozinhas ou que têm amigos para empurrar suas cadeiras por aí. Elas ainda estão lúcidas e me tratam bem. Eu sou uma raridade aqui – um velho num mar de viúvas cujos corações ainda sofrem a perda de seus companheiros.

– Ah, vem cá – cacareja Hazel. – Vamos deixar Jacob dar uma espiada.

Ela empurra a cadeira de rodas de Dolly alguns centímetros para trás e se aproxima de mim arrastando os pés, apertando as mãos, os olhos leitosos brilhando. Então diz:

– Ah, é tão emocionante! Eles estão nisso a manhã toda!

Eu me aproximo da vidraça e levanto o rosto, apertando os olhos por causa da luz do sol. Está tão claro que levo um tempo para perceber o que está acontecendo. Então as coisas tomam forma.

No parque situado no final do quarteirão há uma enorme tenda de lona, toda listrada de branco e carmim, com um inconfundível topo pontiagudo...

Meu coração bate tão forte que levo uma das mãos ao peito.

– Jacob! Ah, Jacob! – grita Hazel. – Oh, Deus! – Ela balança as mãos confusa

e se volta para o corredor. – Enfermeira! Enfermeira! Depressa! É o Sr. Jankowski!

– Eu estou bem – digo, tossindo e batendo no peito. Esse é o problema com essas velhotas. Elas estão sempre com medo de que você vá desmaiar. – Hazel! Estou ótimo!

Mas é tarde demais. Ouço o ranger das solas de borracha e em pouco tempo estou rodeado de enfermeiras. Acho que, afinal, não vou ter de me preocupar em voltar para a minha cadeira.

– ENTÃO, QUAL É O MENU DE HOJE? – resmungo enquanto sou empurrado para a sala de jantar. – Mingau? Purê de ervilha? Farinha láctea? Ah, deixem-me adivinhar, é tapioca, não é? É tapioca? Ou a estamos chamando de arroz-doce esta noite?

– Ah, Sr. Jankowski, o senhor é uma figura – diz a enfermeira num tom indiferente. Ela não precisa responder e sabe disso. Como é sexta-feira, teremos a combinação nutritiva mas nada interessante de sempre: bolo de carne, creme de milho, purê de batata e um molho que em algum momento deve ter coberto um pedaço de carne. E elas se perguntam por que eu emagreço.

Sei que alguns de nós já não têm dentes, mas eu tenho, e quero carne assada. A da minha esposa, completa, com louro e gordura. Quero cenoura. Quero batata cozida com casca. E quero um Cabernet Sauvignon encorpado para fazer tudo isso descer, e não um suco de maçã em lata. Mas, sobretudo, quero milho na espiga.

Às vezes acho que se eu tivesse de escolher entre uma espiga de milho e fazer amor com uma mulher, escolheria o milho. Não que eu não fosse gostar de curtir uma última trepada – ainda sou homem e algumas coisas nunca morrem –, mas só de pensar naqueles grãos doces estourando entre os dentes fico com água na boca. É uma fantasia, eu sei. Nenhuma das duas coisas vai acontecer. Mas gosto de pesar minhas opções, como se eu estivesse diante de Salomão: uma última trepada ou uma espiga de milho. Que dilema maravilhoso. Às vezes substituo o milho por uma maçã.

Todo mundo, em todas as mesas, está falando do circo – os que podem falar, é claro. Os silenciosos – aqueles com os rostos paralisados e membros debilitados, ou aqueles cujas cabeças e mãos tremem muito, a ponto de não poderem segurar os talheres – sentam nos cantos da sala, acompanhados de atendentes que, com uma colher, colocam pequenas porções de comida em suas bocas e depois os induzem a mastigá-las. Eles me lembram filhotes de passarinho num ninho, só que desprovidos de qualquer entusiasmo. Com exceção de um leve

trincar da mandíbula, seus rostos permanecem parados e terrivelmente vazios. Digo terrivelmente porque tenho plena consciência do que me aguarda. Ainda não cheguei lá, mas estou me aproximando. Só tem um jeito de evitar, mas essa opção também não me agrada.

A enfermeira me faz estacionar diante da minha refeição. O molho em cima do bolo de carne já formou uma película, que cutuco de leve com o garfo. A bolha de molho bamboleia, debochando de mim. Enojado, olho para cima e encaro Joseph McGuinty.

McGuinty, sentado à minha frente, é um recém-chegado, um intrrometido – um advogado aposentado, de queixo quadrado, nariz bexiguento e grandes orelhas de abano. As orelhas me fazem lembrar de Rosie. Mas só as orelhas. Rosie era uma boa alma e ele... bem, ele é simplesmente um advogado aposentado. Não consigo imaginar o que as enfermeiras acharam que um advogado e um veterinário teriam em comum, mas elas o puseram à minha frente naquela primeira noite e, desde então, é aí que ele se senta.

Ele me olha fixo, os maxilares se mexendo como uma vaca ruminando. Incrível. Ele está realmente comendo a gororoba.

As velhotas tagarelam como meninas de escola, alegremente distraídas.

– Eles vão ficar aqui até domingo – diz Doris. – Billy foi até lá se informar.

– Isso, duas sessões no sábado e uma no domingo. Randall e as meninas vão me levar amanhã – acrescenta Norma. Ela se volta para mim: – Jacob, você vai?

Antes que eu consiga responder, Doris dispara:

– E você viu aqueles cavalos? Que lindos! Nós tínhamos cavalos quando eu era menina. Ah, como eu adorava montar! – Ela fixa o olhar em um ponto distante e, por uma fração de segundo, posso ver como ela era bonita quando jovem.

– Vocês se lembram do tempo em que os circos viajavam de trem? – pergunta Hazel.

– Ah, sim. Claro que me lembro – retruca Norma. – Teve um ano em que eles colaram cartazes num dos lados do nosso celeiro. Os homens disseram ao papai que tinham usado uma cola especial que se dissolveria dois dias depois do espetáculo. Mas, diabos, os cartazes continuavam no nosso celeiro meses depois! – Ela riu, balançando a cabeça. – Papai era fácil de ser enrolado.

– E então, após alguns dias, o trem chegava. Sempre ao amanhecer.

– Meu pai costumava nos levar à estação para vê-los descarregar. Meu Deus, valia a pena ver aquilo. E o desfile! E o cheiro dos amendoins torrados...

– E a pipoca!

– E as maçãs carameladas, o sorvete, a limonada!

– E a serragem! Entrava pelo nariz!

– Eu costumava levar água para os elefantes – diz McGuinty.

Largo meu garfo e levanto os olhos. Ele definitivamente está inflado de orgulho, esperando que as garotas comecem a bajulá-lo.

– Não, você não levava – digo.

Há um momento de silêncio.

– Como é que é? – diz ele.

– Você não levava água para os elefantes.

– Claro que eu levava.

– Não, não levava.

– Você está me chamando de mentiroso? – diz ele, devagar.

– Se você diz que levava água para os elefantes, sim, estou chamando você de mentiroso.

As garotas me encaram boquiabertas. Meu coração está batendo forte. Sei que eu não deveria dizer isso, mas não consigo me conter.

– Como você ousa dizer uma coisa dessas! – McGuinty agarra a beira da mesa com as mãos nodosas. Tendões fibrosos aparecem em seus braços.

– Há décadas ouço velhos gagás como você dizerem que levavam água para os elefantes e estou dizendo agora que isso nunca aconteceu.

– Velho gagá? *Velho gagá?* – McGuinty fica de pé, empurrando a cadeira de rodas para trás. Ele aponta para mim seu dedo nodoso e então cai no chão como se uma carga de dinamite o tivesse implodido. Ele desaparece sob o tampo da mesa, os olhos perplexos, a boca ainda aberta.

– Enfermeira! Ó, enfermeira! – gritam as velhotas.

Ouve-se o barulho familiar da sola dos sapatos e, logo depois, duas enfermeiras içam McGuinty pelos braços. Ele resmunga, fazendo débeis tentativas para se livrar delas.

Uma terceira enfermeira, uma garota negra e robusta de uniforme rosa-claro, está parada perto da extremidade da mesa, com as mãos na cintura.

– Que diabos está acontecendo aqui?

– Esse velho FDP me chamou de mentiroso. É isso que está acontecendo – diz McGuinty, já a salvo, de volta à sua cadeira. Ele ajeita a camisa, levanta o queixo de pelos grisalhos e cruza os braços à frente. – *E* de velho gagá.

– Ah, eu tenho certeza de que não foi isso que o Sr. Jankowski quis dizer – diz a garota de rosa.

– Claro que foi – afirmo. – É o que ele é. Hum... levava água para os elefantes, não é mesmo?! Vocês têm alguma ideia da quantidade de água que um elefante bebe?

– Bem, nunca pensei... – diz Norma, apertando os lábios e balançando a cabeça. – Mas tenho certeza de que não sei o que deu no senhor, Sr. Jankowski. Ah, está certo, está certo. Então é assim.

– É uma afronta! – diz McGuinty, inclinando-se ligeiramente para Norma agora que ele percebe que tem o apoio popular. – Não vejo por que eu deveria aguentar ser chamado de mentiroso!

– E de velho gagá – lembro.

– Sr. Jankowski – diz a enfermeira negra, levantando a voz. Ela se aproxima por trás de mim e solta os freios da minha cadeira de rodas. – Acho que é melhor o senhor passar um tempo no seu quarto. Até se acalmar.

– Alto lá! – grito enquanto ela me afasta da mesa e me empurra em direção à porta. – Não preciso me acalmar. E, além disso, ainda não comi!

– Eu levo o seu jantar – diz ela.

– Não quero comer no quarto! Me leve de volta! Não pode fazer isso comigo!

Mas parece que pode. Ela me conduz pelo corredor à velocidade da luz e dá uma guinada brusca ao entrar no quarto. Então aperta os freios com tanta força que faz a cadeira toda sacudir.

– Eu vou voltar – digo enquanto ela retira meus pés dos apoios da cadeira.

– Não vai, não – ela responde, pousando meus pés no chão.

– Isso não é justo! – e minha voz se transforma num gemido. – Eu me sento àquela mesa desde sempre. E ele só está aqui há duas semanas. Por que todo mundo está do lado dele?

– Não tem ninguém do lado de ninguém. – Ela se inclina para a frente e ajeita o ombro sob o meu. Quando me levanta, minha cabeça se aproxima da dela. Seu cabelo, alisado por algum produto químico, tem cheiro de flores. Quando ela me senta na beira da cama, meus olhos ficam à altura do seu busto rosa pálido. E do crachá com o seu nome.

– Rosemary – pronuncio.

– Pois não, Sr. Jankowski?

– Ele *está* mentindo, e você sabe.

– Não sei de nada. Nem o senhor.

– Eu sei, sim. Eu estive no circo.

Ela pisca irritada.

– O que o senhor está querendo dizer?

Hesito e mudo de ideia.

– Não importa.

– O senhor trabalhou num circo?

– Eu disse que não importa.

Há um breve momento de silêncio embaraçoso.

– O Sr. McGuinty poderia ficar seriamente machucado, sabia? – diz ela, ajeitando minhas pernas. Ela trabalha rápido e com muita eficiência, quase mecanicamente.

– Não, ele não poderia. Advogados são indestrutíveis.

Ela me encara por um longo tempo, e tenho a impressão de que está realmente me vendo como uma pessoa. Por um momento, penso ver uma abertura, mas logo ela volta à ação.

– Sua família vai levá-lo ao circo nesse fim de semana?

– Ah, sim – digo com certo orgulho. – Todo domingo vem alguém. Sem falta. Ela sacode o cobertor e o estende sobre as minhas pernas.

– O senhor quer que eu lhe traga o jantar?

– Não.

Há um silêncio constrangedor. Percebo que eu deveria ter acrescentado um “muito obrigado”, mas agora é tarde demais.

– Então está bem. Voltarei daqui a pouco para ver se o senhor precisa de mais alguma coisa.

Está bem. Claro que ela vai voltar. É o que sempre dizem.

MAS, QUE SURPRESA!, ela está de volta.

– Não conte a ninguém – diz ela, entrando afobada e posicionando o móvel que serve de mesa de jantar e penteadeira à minha frente. Em seguida arruma sobre ele um guardanapo de papel, um garfo de plástico e uma tigela de frutas de aparência realmente apetitosa: morangos, melão e maçã. – Eu trouxe para o meu lanche. Estou de dieta. O senhor gosta de frutas, Sr. Jankowski?

Eu teria respondido se não tivesse tapado a boca com a mão trêmula. Maçã, graças a Deus.

Ela acaricia minha outra mão e sai do quarto, ignorando discretamente minhas lágrimas.

Rapidamente coloco um pedaço de maçã na boca, saboreando o sumo. A engenhoca fluorescente e barulhenta acima de mim joga a sua luz crua nos meus dedos tortos enquanto colho pedaços de fruta de dentro da tigela. Esses dedos me parecem estranhos. Claro que não devem ser meus.

A idade é um ladrão terrível. Justamente quando se começa a entender melhor a vida, a idade nocauteia suas pernas e arqueia suas costas. Ela lhe traz dores, lhe confunde a cabeça e silenciosamente espalha o câncer em sua esposa.

Metastático, disse o médico. É uma questão de semanas ou meses. Mas minha

amada era frágil como um passarinho. Ela morreu em nove dias. Depois de 61 anos juntos, ela simplesmente apertou a minha mão e expirou.

Embora haja ocasiões em que eu daria tudo para tê-la de volta, foi bom ela ter ido primeiro. Perdê-la foi como ter sido partido ao meio. Naquele momento tudo acabou para mim, e eu não gostaria que ela passasse por isso. Ser sobrevivente é uma droga.

Eu achava que preferia envelhecer à outra opção, mas agora já não tenho tanta certeza. Às vezes, a monotonia dos bingos, dos saraus e dessa gente antiga e embolorada, estacionada no corredor em suas cadeiras de rodas, me faz desejar a morte. Principalmente quando me lembro de que sou um deles, jogado de lado como se fosse uma quinquilharia inútil.

Mas não há nada que se possa fazer em relação a isso. Só me resta passar o tempo esperando o inevitável, observando os fantasmas do meu passado se agitarem em volta do meu presente insignificante. Eles se chocam e se esbarram à vontade, principalmente por não haver nenhuma resistência. Parei de lutar contra eles.

Neste momento, eles estão se agitando ao meu redor.

Sintam-se à vontade, rapazes. Fiquem mais um pouco. Ah, desculpem – vocês já estão à vontade.

Malditos fantasmas!

dois

*T*enho 23 anos e estou sentado ao lado de Catherine Hale. Ou melhor, ela está sentada ao meu lado, já que entrou no auditório depois de mim. Ela deslizou pelo banco, como quem não quer nada, até que nossas coxas se tocassem e então se afastou ruborizada, como se o contato tivesse sido involuntário.

Catherine é uma das quatro e únicas mulheres da turma de 1931 e sua crueldade não tem limites. Perdi a conta das vezes em que pensei *Oh, Deus, ela finalmente vai ceder*, apenas para depois sofrer o baque: *Meu Deus! Ela quer que eu pare AGORA?*

Pelo que sei, sou o mais velho homem virgem da face da Terra. Sem dúvida não há mais ninguém da minha idade que admita uma coisa dessas. Até Edward, meu colega de quarto, canta vitória, embora eu acredite que o mais perto que ele chegou de uma mulher nua foi nas páginas de uma de suas revistas em quadrinhos pornô. Não faz muito tempo alguns dos caras do meu time